

Folha  
do  
Mate



APRESENTAM:

# RELIQUÍAS



# SOBRE RODAS

*Uma viagem no tempo a bordo  
de seis carros antigos*

**Por Débora Kist**

APOIO



**TIAGO PNEUS**  
AUTO CENTER





# RELÍQUIAS SOBRE RODAS

*Uma viagem no tempo a bordo de carros antigos*

O Ford 1929 de Inar: uma relíquia quase centenária .....	5
Um 61 para lembrar do 63: o Jeep Willys do Endrigo.....	14
De avô para neta: a 'querida' Variant da Camila.....	23
No Landau do Dr Pedrinho, as lembranças do Dr Paulo .....	32
O Opalão do Mees .....	44
O Escort XR3 da família Lakus .....	53

Publicação:

**Folha  
do  
Mate**



Apoio:



**TIAGO PNEUS**  
AUTO CENTER





**Posto  
Schmitz**



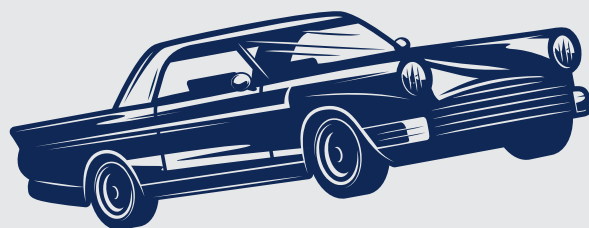
**Ipiranga**

Há 66 anos aqui,  
***sempre em movimento!***

📍 Rua General Osório, 891

☎ (51) 98593-2800

Nos siga no  
📱 @postoschmitzipiranga



## INTRODUÇÃO

A série 'Relíquias sobre Rodas' foi publicada originalmente pelo jornal Folha do Mate, em parceria com a Terra FM, entre julho e outubro de 2024. A proposta era evidenciar, naturalmente, os carros antigos, mas as reportagens também oportunizaram conhecer melhor as histórias dos respectivos proprietários e todos os detalhes das relações afetivas deles com suas relíquias.

Contar sobre o passado desses carros também acabou sendo uma viagem no tempo para contextualizar épocas e cenários que hoje são apenas lembranças para quem os viveu, mas que, quando estão a bordo dos veículos, é como se pudessem tocar nas próprias memórias.

A partir de indicações da equipe da Folha e de leitores que nos procuraram para sugerir cases, seis histórias foram escolhidas: o Ford 1929 de Inar Sulzbacher, o Jeep Willys capota de aço 1961 de Endrigo Wenzel, a VW Variant 1972 de Camila Machado de Souza, o Ford Galaxie Landau 1979 de Paulo Thomaz da Silva, o Opala de Luxo 1978 de Osmario Mees e o Escort XR3 da família Lakus.

Todas essas histórias, agora, estão reunidas neste material único, em formato de livro digital. É mais um produto especial feito por Folha do Mate e Terra FM. **Boa leitura e uma boa viagem no tempo!**

# O FORD 1929 DE INAR: UMA RELÍQUIA QUASE CENTENÁRIA





# O FORD 1929 DE INAR: UMA RELÍQUIA QUASE CENTENÁRIA

## As curiosidades sobre um dos veículos mais antigos ainda em circulação em Venâncio Aires

Não é sobre status. Não é sobre idade. Não é por capricho ou simplesmente por 'modinha'. Quando envolve paixão, as coisas simplesmente não se explicam. Elas apenas são assim. Isso vale para qualquer coisa que carrega o sentimento de um apaixonado. Para o brasileiro, em sua maioria, o futebol é uma paixão. Mas, por aqui, um outro 'universo' faz o coração de milhares bater mais forte: os carros. Não importa o modelo, todo mundo tem alguma história relacionada a algum automóvel, porque essa relação faz parte da memória afetiva de muitos. Um passeio em família, uma lembrança da infância, o ronco do motor, uma música no rádio do painel, o caminho até a igreja para casar... E quando o carro é antigo, o sentimento parece ser ainda maior. Por isso, a partir de hoje, a Folha do Mate vai contar algumas dessas histórias. Pessoas que, apaixonadas como são, resgatam o objeto e as lembranças que ele carrega, conservando as memórias de verdadeiras relíquias sobre rodas.



**Inar Luiz Sulzbacher é apaixonado por carros antigos e mantém esse Ford 1929 desde a década de 1990**



## Antes do filho, um pai apaixonado

Inar Luiz Sulzbacher é o segundo na ordem de oito filhos que tiveram Ervino e Luiza, casal que mantinha um comércio na década de 1950 em Monte Alverne, distrito do interior de Santa Cruz do Sul e que faz divisa com Venâncio Aires. Ele ainda era um guri de calça curta quando o pai comprou um Ford 1929, que pertencia a Waldemar Konrad, dono de uma distribuidora da cerveja Antártica em Venâncio. “Meu pai sempre gostou de carros e aquele Ford 29 era uma paixão dele”, lembra Inar, hoje com 74 anos.

Foi nesse mesmo carro que Ervino, Luiza e parte dos filhos rumaram para Santa Catarina, no início da década de 1960, para tentar a vida lá e chegaram a abrir um comércio. Inar, então adolescente, ficou no sul, porque já estudava no seminário São Francisco de Assis, em Taquari. Os Sulzbacher ficaram pouco tempo entre os catarinenses e decidiram voltar em 1966, novamente a bordo do 29, quando fixaram residência em Venâncio. Com uma família grande e sendo um dos irmãos mais velhos, naturalmente Inar logo começou a trabalhar, para ajudar no orçamento da casa.

No início dos anos 1970, ele conseguiu um emprego na antiga Auto Peças Leonel, na esquina das ruas General Osório e Júlio de Castilhos. “Era uma oficina e chapeação e lá aprendi tudo sobre carros. E lá também fui tomando cada vez mais gosto por automóveis”, lembra Inar. O primeiro carro ele comprou em 1974: era um Simca Rallye Tufão, ano 1966.



## Um Tempra 0 km pelo 29 octogenário

Depois do Simca Tufão, Inar Sulzbacher chegou a ter outros veículos e nunca escondeu o gosto por aqueles que ele considera clássicos, com modelos de Opala e Galaxie. Com os anos de oficina e a experiência que adquiriu, também começou a trabalhar com restauração de carros antigos.

Em 1997, quando um carro que tinha estava numa oficina especializada em restauração em Teutônia, um rapaz que também tinha uma 'reliquia' para restaurar naquele local, lhe ofereceu. "Quer ficar com meu 29?" Inar diz que nem pensou duas vezes e foi uma troca simples: para comprar o Ford 1929, ele deu o valor de um Tempra zero quilômetro que tinha comprado.

Assim, o veículo com quase 80 anos chegou na vida de Inar, um ano depois de Ervino falecer. "O pai sempre dizia que queria ter um carro assim de novo. Talvez a vida se encarregou de trazer um pra mim", comenta o aposentado.



**Detalhes do painel do carro e da placa ao pé da porta. Antigamente, com a maior parte das estradas com barro e pó, era uma forma de limpar os calçados antes de entrar no veículo**



## Originalidade

- Inar Sulzbacher explica que o Ford 1929 mantém cerca de 90% de toda sua originalidade. Houve algumas adaptações no painel, para ignição, e foi feita a troca de estofados e do volante. As rodas são de um Ford 1934 e o motor é de Opala, porque foi o que melhor se adaptou. “Um carro com a idade que tem, infelizmente algumas partes não duram para sempre. Mas toda a estrutura externa é original”, destacou.



## O passeio das noivas

Inar Sulzbacher já participou de muitos encontros de colecionadores de carros antigos, inclusive foi dirigindo o Ford 1929 até Foz do Iguaçu, no Paraná, para um desses eventos. Hoje, não costuma sair tanto com o veículo, mas, quando isso acontece, diz que é comum ‘parar o trânsito’, já que o carro chama atenção e desperta curiosidade.

Como o veículo é considerado um clássico, ‘casa’ bem com decorações de festas de casamentos, por exemplo, as quais, nos últimos anos, vêm explorando cada vez mais os cenários vintage. Sulzbacher explica que, há cerca de 20 anos, começou a ser procurado para participar de casamentos, levando noivas para a igreja no seu Ford 1929. “Já fiz casamentos em Venâncio, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Estrela e Vera Cruz. E sempre eu dirijo.” Numa dessas, o aposentado revela que passou um episódio inusitado. “Foi num sábado de tarde, fazia muito calor e o carro simplesmente apagou no meio da rua, no Centro de Santa Cruz. Eu passei uma grande vergonha, mas a noiva achou aquilo o máximo, dava risada e todo mundo parava para cumprimentar ela. Me disse que foi a maior diversão e que eu fui a pessoa mais importante no casamento dela, porque garanti uma emoção que não esperava”, relata, entre risos.



**Inar Sulzbacher levou Fabiane Watte para a igreja São Sebastião Mártir, em 28 de julho de 2007**



## UMA SURPRESA INESQUECÍVEL

Entre as muitas noivas que Inar já levou para a igreja está a empresária Fabiane Inês Watte, 42 anos, que casou dia 28 de julho de 2007, com Jacson Luiz Ternus, 45 anos, que trabalha como gerente comercial.

Fabiane conta que sempre foi o sonho dela chegar na igreja num carro antigo, o que já tinha visto em revistas, mas não fazia ideia de quem teria. Foi aí que o ex-chefe lhe fez uma surpresa. “Comentei com meu ex-patrão [Sérgio Estraich] que ia ser padrinho. Aí ele falou que também não sabia ninguém, mas me levava com o carro dele. Mas chegou o dia do casamento e, em frente ao salão na hora de ir pra igreja, estava estacionado o Ford 1929 e o seu Inar, muito atencioso, me levou até a Igreja São Sebastião Mártir e depois para o Parque do Chimarrão, onde foi a festa.”

Os registros desse momento estão eternizados no álbum de fotos. Segundo Fabiane, até hoje, quando alguém vê as fotografias, pergunta sobre o momento e o carro em especial. “Foi mágico, estava me sentindo muito feliz, foi uma surpresa que nunca vou esquecer. E o Inar desceu o Centro bem devagar e quem estava na rua parava pra olhar.”

Da união de Fabiane e do marido Jacson, nasceu Lara Isabel, hoje com 12 anos.



**Fabiane e o marido Jacson, recém-casados, também foram com o Ford 1929 até o Parque do Chimarrão, onde foi a festa**



## UM POUCO MAIS DE HISTÓRIA

**1** A Ford Motor Company foi fundada em 1903, nos Estados Unidos, por Henry Ford. A companhia foi responsável pela popularização do automóvel a partir da produção de carros em massa e a baixo custo.

**2** Segundo o site da Ford no Brasil, com a chegada do Modelo T em 1908, o primeiro veículo norte-americano com direção do lado esquerdo, a Ford conquistou a preferência dos consumidores brasileiros. No Brasil, mais especificamente em São Paulo, se instalou em 1919, tornando-se a primeira fabricante de automóveis no país.

**3** Em 1927, o Modelo A, criado para suceder o Modelo T, com diversos aperfeiçoamentos, começou a ser produzido nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 1928. Além de motor mais potente e transmissão deslizante, tinha um design inspirado no Lincoln, que lembrava carros mais caros. Ele foi produzido até 1931 (o que inclui o 29), quando foi substituído pelo Ford V8.

**4** Os carros pioneiros da Ford ajudaram a impulsionar a abertura de novas estradas

no Brasil. A pedido do então presidente Washington Luiz, a Ford incluiu em todos os anúncios a frase “Boas estradas encurtam distâncias, unem os povos e trazem progresso” para estimular o desenvolvimento rodoviário nacional.

**5** Um veículo da Ford também foi instrumento de trabalho de Marechal Cândido Rondon no desbravamento dos sertões de São Paulo a Rondônia, passando pelo interior de Mato Grosso e da Amazônia para o assentamento de postes telegráficos, isso na década de 1920. O carro que pertenceu a Rondon foi depois restaurado e está no Museu dos Correios e Telégrafos, em Brasília.





Sulzbacher explica que algumas alterações foram feitas, como o volante.





Veículo também tem a capota para proteger da chuva ou do sol



[Clique aqui para conteúdo extra!](#)





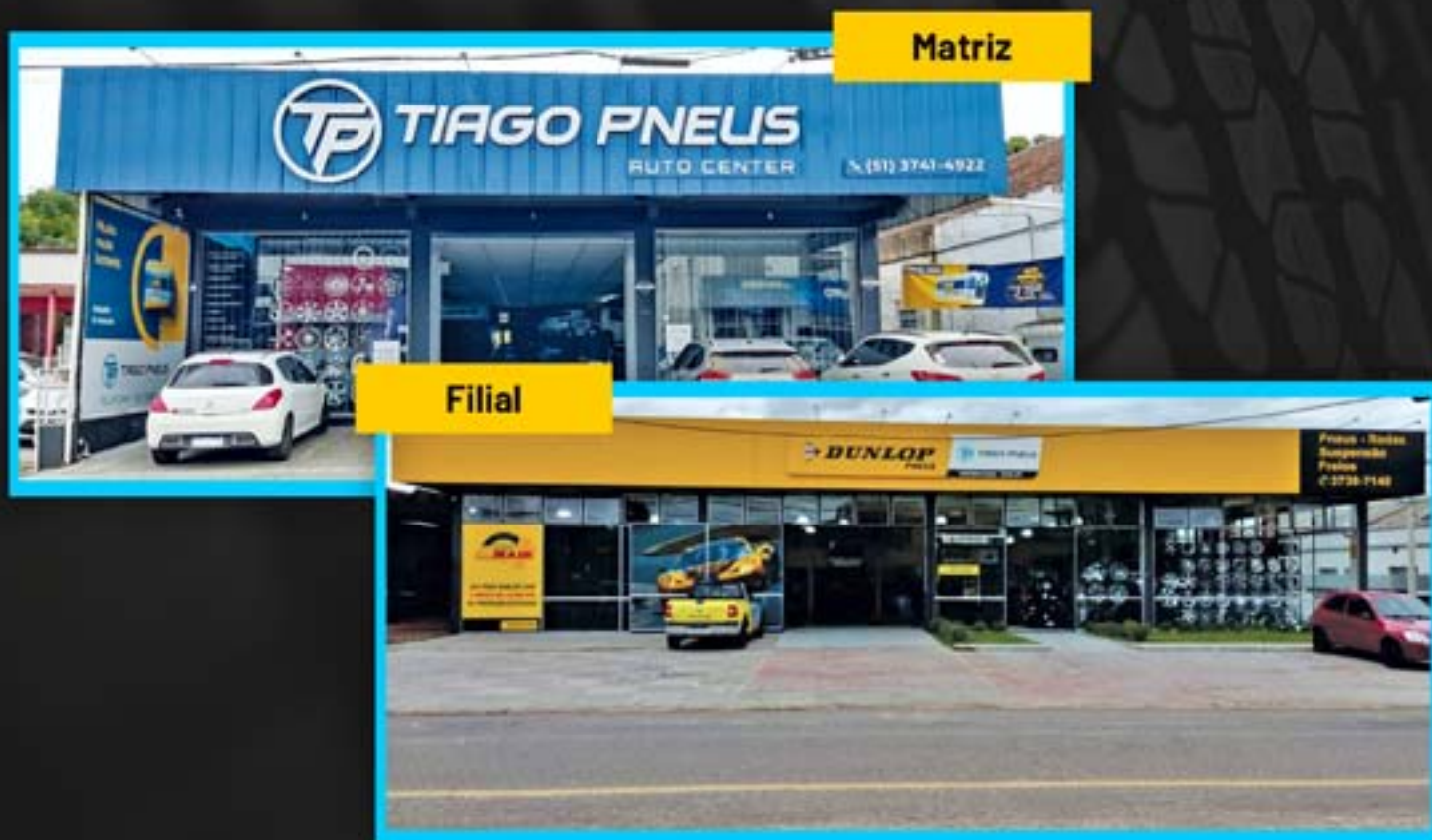
# TIAGO PNEUS




AUTO CENTER

**PRECISOU DE PNEUS, VENHA AO LUGAR CERTO!**



**PNEUS NACIONAIS E IMPORTADOS**  
**RODAS ESPORTIVAS E ORIGINAIS**  
**SERVIÇOS EM SUSPENSÃO E FREIOS**  
**BATERIAS, TROCA DE ÓLEO E PALHETAS**  
**HIGIENIZAÇÃO DE AR CONDICIONADO**  
**GEOMETRIA E BALANCEAMENTO**



 51 3741-4922 |  99861-1493 |  3738-7140 (Filial)

GENERAL OSÓRIO, 790 (Matriz) | OSVALDO ARANHA, 1765 (Filial)

# UM G1 PARA LEMBRAR DO G3: O JEEP WILLYS DO ENDRIGO



# UM 61 PARA LEMBRAR DO 63: O JEEP WILLYS DO ENDRIGO

**Conheça mais sobre a história de um venâncio-aiense apaixonado por carros e do quanto um modelo em especial o faz reviver a infância e as lembranças do avô**

Para qualquer criança, tem diversão maior que passar uns dias na casa dos avós? E quando essa casa está num 'pacote' chamado zona rural? Os animais, a fruta colhida no pé, o cheiro de um pão caseiro, um galpão que vira cenário para inúmeras aventuras... Endrigo Wenzel também desfrutou desse tipo de infância 'raiz', na casa dos avós maternos, em Linha Lucena, interior de Venâncio Aires, nos anos 1980. Mas lá, houve um outro componente inesquecível: um Jeep Willys capota de aço 1963, que pertenceu ao avô, Alcido Herdina.

Hoje, como se fosse a bordo de um DeLorean do clássico filme 'De volta para o futuro', Endrigo também consegue viajar no tempo e essa 'viagem' ele faz toda vez que dirige o próprio Jeep, ainda que seja um 1961. Porque dentro dele, as memórias do 63, do avô e dos tempos de criança, se tornam novamente realidade.



**Endrigo Wenzel tem um Jeep Willys capota de aço 1961**



## Um Jeep zero que custou dois freezers

Alcido Herdina (1932-2014) ainda era um jovem agricultor em Linha Lucena, em 1963, quando decidiu que precisava de um carro. Morando no interior de Venâncio Aires, onde há mais 60 anos as estradas e os acessos eram ainda mais desafiadores, sabia que precisaria de um veículo que aguentasse as condições.

Encontrou o que procurava direto com Lothário Schmidt (que também teve a Motorsul, a primeira concessionária da Volkswagen de Venâncio Aires): um Jeep Willys capota de aço. Zero quilômetro, naquele 1963, o veículo custou, na época, o equivalente a dois freezers. Mas a maior curiosidade é que Alcido aprendeu a dirigir no mesmo dia, orientado por Lothário Schmidt. “O vô me contou que aprendeu na hora e foi dirigindo o Jeep para casa”, relata o comerciante Endrigo Rafael Wenzel, 45 anos. Alcido Herdina foi um dos primeiros moradores de Lucena a ter carro e o fato de ser um 4 x 4 tracionado era ainda mais útil. “Era o vô quem levava os doentes para o hospital e também muitas mulheres grávidas que estavam para ter bebês.”

Essas histórias Endrigo ouviu do avô materno nos tempos de criança, na metade dos anos 1980, quando ia para Linha Lucena e ficava as duas semanas das férias de inverno por lá. Uma das maiores diversões era acompanhar o vô até a cidade. Alcido tirava o banco traseiro do Jeep e colocava um pelego de ovelha sobre a ‘caixa’ das rodas, para acomodar Endrigo e a irmã Rafaela. Entre as crianças, empilhava melancias e outras frutas e verduras, cujo destino era a casa dos filhos que já moravam na parte urbana de Venâncio. Assim, igual era apaixonado pelo avô, Endrigo foi se apaixonando pelo Jeep e por tudo mais que envolvesse o mundo do automobilismo.



**Alcido Herdina, o avô materno de Endrigo, teve um Jeep capota de aço 1963**



## O FUSCA E A 'SUPER MÁQUINA' DE PLÁSTICO

**1** Endrigo Wenzel estudou no Colégio Gaspar e revela que, desde criança, quando eram feitos aqueles testes de aptidão ou de futuras profissões, a indicação era que ele trabalharia com carros. Como o pai, Arcélio, hoje com 71 anos, também sempre gostou de automobilismo, Endrigo cresceu nesse 'universo' sobre quatro rodas.

**2** Num Natal, quando tinha 4 anos, lembra com carinho do Fusca de plástico vermelho que ganhou de presente. Num outro

dezembro, foi surpreendido com um Pontiac Trans Am preto, também de plástico. Era o carro da 'Super Máquina', série de TV que fez sucesso no Brasil nos anos 80.

**3** "Eu gostava de ir até na frente da Motorsul, olhar as novas Paratis, e da Auto Geral [antiga revenda da Chevrolet de Venâncio Aires] e contemplar os Opalas. Eu era pequeno e aquilo me encantava." Como os testes vocacionais já apontavam, naturalmente foi em meio aos carros o primeiro emprego de Endrigo. Aos 13 anos, começou varrendo a antiga oficina de Aldo Costa, no bairro Cruzeiro. Lá, foi uma espécie de 'faz tudo' e também aprendeu sobre mecânica.



Endrigo com cerca de 7 anos. Ao fundo, um Fusca branco 1975 que pertenceu ao pai dele e um Opala que era de um tio



## O 'Tema da Vitória'

- Para um menino fã de carros que cresceu nos anos 1980, Endrigo teve o privilégio de ver um dos maiores desportistas brasileiros no auge. Ele se lembra bem das emoções nas manhãs de domingo com as vitórias de Ayrton Senna (1960-1994) na Fórmula 1. “Não perdia nenhum grande prêmio.”
- Figura que conquistou fãs no automobilismo, o piloto era praticamente uma unanimidade e ainda é, para muitos, o maior da história da Fórmula 1 e um dos últimos ídolos no Brasil. Assim também entende Endrigo, que vibrou com o tricampeão mundial de Senna em 1988, 1990 e 1991.
- Os títulos do piloto, vale lembrar, foram embalados por uma canção nas transmissões da Rede Globo, capaz de emocionar mesmo quem não viveu a época: o Tema da Vitória. A música é tão emblemática para Endrigo, que há anos é toque do celular dele. “Posso até trocar de celular, mas de toque não.”



## Antes do próprio Jeep, as voltas de Passat, Fusca e Chevette Tubarão

Endrigo Wenzel, que ainda pequeno se apaixonou pelo Jeep capota de aço do vô Alcido e brincou com os carrinhos de plástico, também teve outros 'amores' de quatro rodas. Aprendeu a dirigir num Passat branco 1980, que pertenceu ao pai, e foi num Fusca verde 1968 que muitas vezes foi até Linha Travessa para as boates no salão Gigante.

O primeiro carro que comprou com o próprio dinheiro foi um Chevette Tubarão branco, 1974. Como o 'destino' já tinha decidido por ele sobre a profissão, depois da oficina de Aldo Costa, Endrigo ainda trabalhou na Auto Peças Hermes e na Auto Elétrica Braun, até abrir a própria loja, de som e acessórios automotivos, quando tinha 19 anos, negócio que mantém ainda hoje, ao lado da esposa Jeany Schuch, 46 anos. O casal chegou a ter um ônibus Marcopolo III rodoviário 1976, que até serviu de casa durante oito meses durante a pandemia, quando realizavam obras na chácara para onde se mudaram e moram atualmente, em Linha Barbosa. “Para a Pietra foi uma festa”, conta, se referindo à filha de 13 anos.



## A BUSCA PELO CAPOTA DE AÇO

Embora tenha tido outras relíquias sobre rodas, Endrigo nunca tirou da cabeça a ideia de ter um Jeep Willys capota de aço igual do avô. Alcido ficou com o veículo por mais de 40 anos e ele foi vendido. “Está com uma pessoa de Lajeado e bem cuidado. Então depois que o vô faleceu, em 2014, eu comecei a pesquisar e procurar um igual.”

Endrigo encontrou o que procurava em Caxias do Sul: um Jeep como do avô, sendo que as únicas diferenças são o ano e a cor– o comerciante achou um 1961, dois anos mais velho que o de Alcido, e nas cores azul e branca. Do avô era um 1963, branco com marrom. O Jeep 1961 chegou na vida de Endrigo em 2019. Ele pertenceu a uma única família, que decidiu vendê-lo para cobrir despesas com um tratamento médico. “Foram necessários alguns reparos, mas ele é 100% original. Tem as mesmas peças com as quais saiu da fábrica, em 1961.”

Endrigo, que não nega o cuidado, diz que dentro da garagem, “carro se guarda limpo, de ré e com tanque cheio.” O Jeep dele, que tão bem cuidado já era pela primeira família proprietária, segue assim e é usado para voltas mais curtas, geralmente aos sábados. Tem apenas 32 mil quilômetros rodados, o que é pouco para um veículo com essa idade. Diferente do avô, que não era de emprestar o Jeep para outros conduzirem, Endrigo não é ciumento. A esposa Jeany também o dirige (e adora!) e até esta repórter teve oportunidade de dar uma voltinha (e adorou também!), ainda que o câmbio, com apenas três marchas, e o tamanho do volante, causaram estranheza no início.



Endrigo Wenzel comprou o veículo em 2019, em Caxias do Sul





**Detalhes do Jeep 1961. Veículo tem três marchas, motor de seis cilindros e a tração é acionada na roda**

## **Você sabia?**

- Antes de se tornar um clássico entre os off-road (fora da estrada – fabricados para suportar locais de natureza extrema e de difícil acesso), o Jeep Willys integrou cenários bélicos e sua origem está relacionada à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desenvolvido pela Willys-Overland Motors a pedido do exército dos Estados Unidos, se tornou um veículo militar indispensável para as tropas.
- Segundo o site [jeep.com.br](http://jeep.com.br), o mais longo de todos os Jeep civis é o CJ-5. Tornou-se um dos veículos mais populares do planeta. Mais de 603 mil unidades foram produzidas até 1983.



## DETALHES EM CASA

**1** Para realizar o sonho de ter o próprio Jeep Willys capota de aço, Endrigo revela que deu parte do valor em dinheiro mais um Gol GT 1984 – outro carro marcante na vida dele e que segue eternizado num quadro dentro de casa.

**2** Na residência dele, aliás, muitas coisas remetem à paixão pelo universo do automobilismo. Entre elas, a coleção de réplicas de carros clássicos, assim como na estrutura da casa, na qual duas aberturas são as janelas de um ônibus, compradas num desmanche.



A paixão de Endrigo por carros também está nos detalhes dentro de casa, como essa coleção



***“Esse Jeep eu não pretendo vender. Um carro que lembra do meu vô e da minha infância, é especial demais.”***

**ENDRIGO WENZEL**  
Comerciante



**Clique aqui para conteúdo extra!**



# Personalização de frotas



**Faça seu**  
 **orçamento**  
**conosco!**

# ARK

IMPRESSÃO  
DIGITAL

Rua Jacob Becker, 658 - Venâncio Aires - RS

 51 2004-5841   arkimprensaodigital

# DE AVÔ PARA NETA: A 'QUERIDA' VARIANT DA CAMILA



# DE AVÔ PARA NETA: A 'QUERIDA' VARIANT DA CAMILA

**Conheça mais sobre a história de Camila Machado de Souza e a Variant vermelha 1972. Veículo é uma herança e uma saudade do avô materno Antônio Ehlert**

Lançada no fim dos anos 1960, a 'perua' Variant fez sucesso entre os brasileiros, o que se justificava, muito, pelo espaço para bagagens. Havia o porta-malas traseiro, acima do motor, com um tamanho estendido, o que agradou muitas famílias pela possibilidade de carregar mais coisas.

Mas nos anos 1990, pelas estradas do interior de Venâncio Aires, uma certa Variant não levava apenas objetos atrás dos bancos. A bordo daquele carro, uma menina viveu momentos felizes de uma infância que não volta mais, com um avô que também já se foi. Mas o legal da história é que o elo entre essa neta saudosa e esse avô querido ainda existe, inteiro e pronto para seguir formando novas memórias. Essa é a história de Camila Machado de Souza e sua 'querida' VW Variant 1972.



**Camila Machado de Souza recebeu a Variant de herança do avô materno**



## Poeira pela janelinha

Antônio Ehlert (1934-2013) foi uma figura conhecida em Linha Saraiva, à margem do arroio Castelhana, na divisa entre Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul. Lá, manteve por décadas uma casa comercial com a esposa Silda (hoje com 85 anos). Ehlert foi professor em escolinhas do interior e também instrutor de tabaco, e era importante ter um carro para cumprir com os compromissos.

Um deles, foi uma VW Variant 1.600 de cor vermelha, ano e modelo 1972, que ele comprou em 1979 e contava para todo mundo, orgulhoso, que o carro pertenceu à Folha do Mate – foi usado para entregas no interior nos primeiros anos de funcionamento do jornal de Venâncio Aires. Ehlert, aliás, era um grande leitor e foi assinante do jornal por décadas.

Essa Variant vermelha, ele sempre mantinha limpa, encerada e com pouca gasolina “para não enferrujar o tanque”. Nos anos 1990, quando as linhas de ônibus começaram a diminuir em algumas localidades, muitas vezes o carro foi usado para levar familiares de volta para casa, na área urbana, ou até Monte Alverne, onde passavam ônibus. “Às vezes iam sete pessoas dentro. Eu e minhas amigas íamos no espaço logo atrás do banco traseiro. A janelinha ficava aberta e a gente ia ‘comendo’ poeira. Mas era uma diversão, todo mundo sacolejando dentro do carro do vovô”, conta a técnica em Enfermagem, Camila Machado de Souza, 36 anos.

Não bastasse o veículo superlotado de gente, ainda se encontrava espaço para acomodar latas de bolachas, baldes de banha, cucas e ovos, aquela ‘bagagem’ tradicional e que até hoje é muito comum para quem volta de um passeio nos parentes da ‘colônia’.



Há quase 30 anos atrás, usando os óculos do avô, dentro da Variant



## MINHA QUERIDA

**1** Ainda criança, Camila ouviu que o avô queria trocar a Variant por um Fiat 147, o que foi motivo de cobrança. “Mas, vovô, se vai vender, vende pra mim!”, argumentou Camila, embora não tivesse idade, nem dinheiro para exigir tal coisa. No entanto, o pedido sincero da neta, ainda pequena, não foi esquecido por Antônio Ehlert e ele decidiu ficar com a perua.

**2** Essa cumplicidade entre os dois continuou se fortalecendo com o passar dos anos, tanto que Camila afirma, entre risos, que sempre foi a neta favorita. “Sempre que eu ligava pro vovô, ele perguntava quem era e eu brincava retrucando a pergunta. Aí ele respondia ‘a Mila, minha querida’ e dizia que eu era a neta preferida.”

**3** No inverno de 2013, aos 79 anos, Antônio Ehlert não se sentiu bem durante alguns dias e decidiu ir para o hospital. Ainda foi dirigindo a Variant, mas não voltou mais para casa. Foram dois meses de internação, após descobrir uma

leucemia mieloide, período que recebeu os cuidados de Camila.

**4** “Na UTI, do nada ele puxou o assunto da Variant e me disse que seria minha. Mas que a gente era para cuidar bem da casa, da vó e não brigar. O vovô sempre foi assim. Não gostava de brigas e até assumia culpas que nem eram dele, tudo para ver todos bem. As últimas palavras dele foram ‘Mila, tu é ótima’.” Ehlert faleceu em 23 de outubro de 2013 e, como era o pedido dele, a Variant foi para a casa de Camila, ainda que durante muito tempo depois, ela nem conseguisse olhar para o carro.



**Camila com o avô Antônio Ehlert, que comprou a Variant em 1979**

## Você sabia?

- A linha 1600, que é da Variant, foi, junto com o Fusca e a Kombi, base da presença da Volkswagen no mercado brasileiro no início dos anos 1970. A Variant, fabricada até 1981, foi considerada o VW mais bonito do Brasil.





## O namorado perfeito

A Variant vermelha que tanto encantou Camila durante a infância e a adolescência, também chamou atenção de um jovem lá nos idos de 2010. Nessa época, Marcelo André de Souza acompanhava um tio que era vendedor e percorria casas comerciais do interior de Venâncio.

Pelo roteiro, o estabelecimento de Antônio Ehlert, em Linha Saraiva, era o primeiro da tarde e, toda vez que parava lá, Marcelo voltava o olhar para o carro e ‘jogava verde’ para o dono. “Não quer me vender essa Variant?”, perguntava o jovem. Vendo o interesse do rapaz, Ehlert, certo dia, ligou para a neta Camila e soltou. “Arrumei o namorado perfeito pra ti.”

A jovem não dava bola, mas mal sabia o que o futuro lhe reservava. Numa nova parada na casa comercial, Silda convidou Marcelo para ver fotos da família. Foi aí que ele reconheceu Camila. “Na época de escola, na adolescência, a gente teve um ‘rolinho’ e ‘ficava’. Ela estudava no Aparecida e eu no CAJ”, revela Marcelo, hoje com 37 anos.

Alguns anos passaram sem eles se reencontrarem. Isso só voltou a acontecer já depois que Antônio faleceu, em 2013. Marcelo morava em Santa Cruz, mas foi assistir a um jogo de futebol no interior de Venâncio, onde perdeu a Carteira de Habilitação. Camila, na época ainda muito abalada com a morte do avô, seguidamente ia a Porto Alegre, onde morava o pai. Numa dessas, na rodoviária, ela encontrou o documento de Marcelo, no guichê das passagens, o que lhe motivou a chamá-lo numa conversa no Facebook. Tempos depois, se reencontraram e, em questão de semanas, ele a pediu em casamento. Camila e Marcelo (o ‘namorado perfeito’, como definiu Antônio Ehlert anos atrás) se casaram em 2015.



## O CARRO DO 'BISO'

A Variant está com Camila desde o falecimento do avô, mas durante muito tempo ela mal conseguia olhar para o carro. Embora ele o levasse de volta às lembranças felizes da infância, também sempre foi a imagem da própria saudade.

Esse sentimento dolorido começou a se transformar nos últimos anos, especialmente depois do nascimento de Pedro Antônio, o filho mais velho de Camila e Marcelo. O menino, hoje com 9 anos, veio ao mundo em 15 de maio, exatamente no dia que também era o aniversário de Antônio. “Vovô sabia das coisas. Ele previu tudo isso, só pode. E Deus foi tão bom comigo que realmente trouxe para mim meu marido e meu filho. Fez o 15 de maio, que me fazia chorar, agora ser um dia de alegria, porque é aniversário do Pedro.”

O menino não conheceu o bisavô, mas cresceu em meio a esse amor dos pais pela Variant e também já nutre carinho pelo carro. “O carro não tem preço e depois de mim, o próximo dono será o Pedro. Ele adora o carro do bisô”, garantiu Camila, o que também é confirmado por Pedro. “Vou cuidar sim, eu e o Santiago”, comentou, se referindo ao irmão, de um ano e oito meses. Sobre o caçula, aliás, Camila destaca as características que lembram de Antônio. “Os olhos claros são iguais. É curioso e gosta das coisas pequenas, simples da natureza, como o bisô gostava.”



**Pedro Antônio (segundo nome em homenagem ao bisavô) cresceu em meio ao amor dos pais pela Variant**



**Camila, o marido Marcelo e os filhos Pedro e Santiago**



## Detalhes

- A Variant passou oficialmente para o nome de Camila em 2024, quando houve definição do inventário. Como o carro ficou muito tempo parado, alguns reparos serão necessários, mas a ideia é mantê-lo original, como é toda sua estrutura e suas peças. “Até o ímã de São Francisco de Assis no painel e os adesivos do Verde é Vida vão ficar. Vou deixar a ‘querida’ como o vovô deixou”, revelou Camila.

## CNH E A TATUAGEM

- 1** Ter a Variant que foi do avô agora vai levar Camila a buscar o que ainda não tem: a Carteira de Habilitação. “Agora vou fazer, para poder dirigir. Por enquanto, o motorista é o Marcelo.”
- 2** Sobre o carro, ainda, a técnica em Enfermagem revela que cogita tatuar a imagem da Variant. Se isso acontecer, não será a primeira homenagem ao avô gravada na pele. Isso porque Camila já tem uma tatuagem, bastante simbólica: os óculos de Antônio, que ela também guarda com carinho.
- 3** Quando menina, aliás, ela adorava brincar com os óculos do avô. Tanto que numa foto de criança ela está usando o item, sentada dentro da ‘querida’ VW Variant 1972.



**Camila tatuou os óculos que pertenceram ao avô Antônio Ehlert**





***“Meu vô me deu tudo. De uma forma ou de outra, me deu meu marido e meus filhos. E por isso essa Variant, que tem tudo a ver com essa história, é tão importante para mim.”***

**CAMILA MACHADO DE SOUZA**  
**Técnica em Enfermagem**



**Clique aqui para conteúdo extra!**



**AS MELHORES MARCAS E OS MELHORES  
PREÇOS DE BATERIA PARA O SEU CARRO!**



**ENGATE DE REBOQUE | CAPOTAS MARÍTIMAS | SANTO ANTÔNIO  
ESTRIBO | RACK E BAGAGEIRO DE TETO | EXTENSOR DE CAÇAMBA  
ALARGADORES DE PARA-LAMAS | OVER BUMPER**

**VIASOM**  
AUTO CENTER

Voluntários da Pátria, 2401  
51 3741-4799 / 51 99977-9914

# NO LANDAU DO DOUTOR PEDRINHO, AS LEMBRANÇAS DO DOUTOR PAULO



# NO LANDAU DO DOUTOR PEDRINHO, AS LEMBRANÇAS DO DOUTOR PAULO

**Conheça a história do médico Paulo Thomaz da Silva e o Ford Galaxie Landau 1979 que pertenceu ao pai dele, o também médico Pedro Thomaz da Silva**

Em meio aos atuais carros populares e os chamados compactos, há um senhor de ‘meia-idade’ que raramente se vê por aí e chama atenção pelo tamanho: ‘enorme’, talvez seja a palavra mais dita por quem se depara com um Landau. São 5,4 metros de comprimento e dois de largura. Feito para levar seis pessoas, tem um porta-malas de 400 litros. Para aguentar tudo isso, foi fabricado com um motor V8 (mais potente) de 197 cavalos. Há mais de 40 anos, quando foi lançado como um dos modelos Galaxie da Ford, o Landau já chamava atenção pelo tamanho e pelos acabamentos de alto padrão, luxuoso para a época.

Em Venâncio Aires, para a família Thomaz da Silva, um certo Landau chegou em 1979 e virou o carro de passeio de um pai, uma mãe e quatro filhos. O pai era Pedro Antônio Thomaz da Silva, conhecido como doutor Pedrinho. Quarenta e cinco anos depois, essa relíquia segue na família, com o caçula daquelas quatro crianças e que também se tornou médico, o doutor Paulo Ricardo.



**Paulo Ricardo Thomaz da Silva mantém o Landau que era do pai**



## O genro do Armando Ruschel

Natural de Cruz Alta, o médico Pedro Antônio Thomaz da Silva (1931-1987) se mudou em definitivo para Venâncio Aires em 1960, mas já andava por essas bandas desde 1954. Primeiro vinha apenas visitar um cunhado, o doutor Weizemann, e por aqui conheceu uma mocinha de apenas 13 anos na época, filha de um dos médicos mais conhecidos da cidade, o doutor Armando Ruschel (1902-1978). Com 10 anos de diferença, Pedro e a então adolescente Schirley Maria (hoje com 83 anos) começaram a namorar. Na época estudando Medicina em Porto Alegre, para chegar a Venâncio e encontrar a amada nos primeiros tempos de namoro, o jovem dependia do transporte fluvial, afinal a ponte sobre o rio Taquari, em Vila Mariante, só ficou pronta no fim de 1958.

Casaram em 1960, quando Schirley estava com 19 anos. Recém-formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor Pedrinho, como ficou conhecido, começou a atender com o sogro, na casa dele, um sobrado de dois andares que existe até hoje na rua Reynaldo Schmaedecke. No fim da década de 1960, o genro do doutor Armando Ruschel comprou um terreno perto dali, na rua Júlio de Castilhos, onde construiu casa e junto um consultório.

Nessa casa, cresceram os quatro filhos: a professora Jeane, hoje com 58 anos, o agente penitenciário Armando, 56, o jornalista Luis Henrique (Ico), 53, e o médico Paulo, 50 anos.



**Paulo e seu pai, Pedro**



## RODÍZIO NO BANCO DA FRENTE

Pedro costumava ter três carros: um menor, para andar dentro da cidade, um maior, para longas viagens, e um de passeio com a família. Para esta finalidade, criou gosto pelos Landau e, ainda na década de 1970, chegou a ter dois carros nesse modelo.

Em 1979, o médico adquiriu outro, um zero quilômetro, comprado na Mecauto, revenda da Ford no município de Montenegro. Ele veio com cobertura de vinil, pintura metálica, antena elétrica, rádio AM/FM e toca-fitas, ar-condicionado, câmbio automático e direção hidráulica. Era o que tinha de mais moderno na época, associado ao conforto. O proprietário, sempre cuidadoso, também costumava fazer anotações sobre o abastecimento de combustível e quilometragem do veículo.

A bordo desse carro, os Thomaz da Silva fizeram inúmeros passeios, especialmente para a Serra gaúcha. “Nas férias de inverno, íamos muito para Caxias do Sul e Gramado”, lembra o médico Paulo Ricardo Thomaz da Silva, que tinha apenas 5 anos quando o pai comprou o veículo. Como era o caçula, ele geralmente tinha o ‘privilégio’ de sentar no banco da frente, entre os pais. Para não dar ‘briga’, às vezes aconteciam rodízios. Os três que iam no banco de trás, acabavam numa festa à parte, brincando e fazendo aquela bagunça boa entre irmãos.



Num dos passeios em família com o Landau, no início da década de 1980. Paulo é o menor, ao lado da mãe





Em frente à casa dos Thomaz da Silva, quando a rua Júlio de Castilhos ainda não tinha asfalto



Detalhes internos do carro, na costura e tecidos trabalhados





Detalhes do carro, no painel que tem toca-fitas, porta malas espaçoso e painel





## Um nome na história

Doutor Pedrinho, o que adorava passear com o Landau, faleceu com apenas 56 anos, em 1987, de complicações causadas pelo diabetes. Em Venâncio Aires, foi clínico geral, mas também fez muitos partos. Atendeu no Hospital São Sebastião Mártir (HSSM) e manteve um consultório em casa.

Paulo lembra que havia uma campainha que soava ao lado dos quartos e foram inúmeras madrugadas que o pai recebeu moradores de Venâncio que buscam atendimento médico, quando ainda não havia plantão no hospital. Nesse consultório, que ainda existe na casa construída em 1969 e onde Paulo mora atualmente, chegou a ser usado nos primeiros anos pelo caçula do doutor Pedrinho, quando ele também se formou em Medicina.

Assim como Armando Ruschel está eternizado na história de Venâncio (dá nome a uma das principais ruas da cidade), o genro dele, Pedro Antônio Thomaz da Silva, dá nome ao Bloco Cirúrgico do Hospital São Sebastião Mártir.



Doutor Paulo no consultório que pertenceu ao pai, doutor Pedrinho



## O presente de faculdade e as fitas K7

Paulo tinha somente 13 anos quando o pai faleceu e o Landau, na época, ficou com Pelágio, irmão do doutor Pedrinho, em Cruz Alta. Em 1999, quando Paulo se formou em Medicina, recebeu o carro de presente do tio, ou seja, nos últimos 25 anos tem mantido o carro comprado em 1979.

Como todo veículo mais antigo, as manutenções são necessárias e às vezes demoradas. Flávio Sehn foi o mecânico responsável pelo Landau por cerca de 20 anos, até se aposentar. Nos últimos anos, quem tem 'tratado' do veículo é o mecânico José Clóvis da Costa.

Além de manter o carro que foi do pai, Paulo também mora na casa construída por ele, com a esposa Eliane Chassavoimaister, 48 anos, e os filhos gêmeos, Mateus e Lucas, 12 anos. Ele também é pai de Ana Carolina, 19 anos, filha do primeiro casamento. Com os gêmeos, Paulo gosta de passear, ao som de fitas K7 que ele ouvia quando era criança, dentro do Landau. A trilha sonora dos passeios tem Frank Sinatra, Julio Iglesias, Elvis Presley, Djavan, Tim Maia, Rita Lee e Caetano Veloso, o que agrada aos ouvidos dos filhos. Mateus, por exemplo, que como todo jovem também ouve música por serviços de streaming, tem uma playlist no Spotify intitulada 'Landau', justamente com canções dos anos 1970.



**Paulo com os filhos gêmeos, Mateus e Lucas, que gostam de passear no carro ouvindo fitas K7 dos anos 1970**



## ALÉM DO CARRO, A MEDICINA

Doutor Paulo, como é conhecido, trabalha como médico concursado em Mato Leitão há mais de 20 anos. Ele conta que a opção pela profissão aconteceu ao natural e diz que é um orgulho seguir os passos do pai. “Acho que sou atencioso e paciente como o pai sempre foi”, define. Além do Landau, Paulo mantém outra relíquia da família. Para guardar os instrumentos de trabalho, usa a maleta que pertenceu ao avô, Armando Ruschel.



**Paulo ganhou o carro de presente em 1999, após se formar em Medicina**



**Além do Landau, Paulo mantém outra relíquia: a maleta que pertenceu ao avô, Armando Ruschel. Ele usa o item no trabalho, em Mato Leitão**





## Saiba mais

- De acordo com o site [galaxieclub.com.br](http://galaxieclub.com.br), o nome Galaxie tem relação com a era da corrida espacial, nos anos 1960 (Galaxie remete à Galaxy, em português Galáxia). Entre os modelos da Ford, havia o Galaxie 500, o Galaxie LTD e o Landau, considerado top de linha.
- No caso do Landau, a ideia era lembrar as elegantes carruagens de luxo chamadas Landau (a pronúncia em francês é 'landô', mas no Brasil é falado como se escreve).
- Ainda conforme o site [galaxieclub.com.br](http://galaxieclub.com.br), em 1983 o último Ford Galaxie Landau deixou a linha de montagem. Oficialmente, o carro foi substituído pelo Ford Del Rey, também luxuoso e confortável, um veículo que trazia uma realidade mais próxima do mercado da época.





***“O Landau já representou uma grande saudade, mas hoje traz a sensação das boas lembranças da infância. É o carro que foi do meu pai, então a memória afetiva está nele. Por isso o carro é tão importante para mim.”***

**PAULO RICARDO THOMAZ DA SILVA**  
**Médico**



**Clique aqui para conteúdo extra!**



# O OPALÃO DO MEES



# O OPALÃO DO MEES

**Conheça Osmario Mees, um apaixonado por carros antigos, e a relação especial com um Opala de Luxo 1978**

No fim da década de 1960, a General Motors do Brasil, até então famosa por fabricar caminhões, lançou aquele que foi seu primeiro carro de passeio. Elegante, a exemplo dos modelos Ford Galaxie da época, o Chevrolet Opala também tinha traços esportivos, o que logo caiu nas graças dos brasileiros. Inclusive, figuras populares como o ex-jogador de futebol Rivelino e o cantor Jair Rodrigues foram garotos-propaganda em comerciais ainda em preto e branco. O sucesso comercial do Opala seguiu até o início da década de 1990, quando deixou de ser fabricado. Coincidentemente, na mesma época, um venâncio-aiense resgatou um modelo De Luxo 1978, que definhava, abandonado, ao lado de uma oficina. Com aquela atitude, há mais de 30 anos, Osmario Mees não recuperou apenas um carro, mas começou ali uma nova história para um Opalão.



**Osmario Mees está com o Opala de Luxo há mais de 30 anos**



**45 | OPALA 1978**

## Da carpintaria à mecânica: a oficina do Arthulino

Essa história é sobre uma relíquia de 1978. Mas também é a história de uma família de mecânicos, hoje espalhados por Venâncio Aires. O começo de tudo foi lá década de 1960, em Vila Palanque, quando o carpinteiro Arthulino Olmiro Mees (1924-2016), já na casa dos 40 anos, decidiu investir tempo e dinheiro em algo que sempre lhe atraiu: mecânica de carros. Arthulino, até então, fez de um tudo com madeira, desde carroças, importantes para o trabalho dos agricultores e um meio de transporte para muitos que moravam no barro vermelho, até caixões, feitos com as medidas de cada falecido. Entre a encomenda e a entrega, o trabalho precisava ser rápido, para não atrasar o velório.

No início da década de 1940, Arthulino descobriu um curso de mecânico em Santa Cruz do Sul, município o qual ele eventualmente visitava levando a bebida produzida pelo pai, João Mees Filho, que tinha alambique. Ainda que já tivesse certificação de mecânico, há mais de 80 anos carro e caminhão não eram tão comuns em Venâncio. Mas, nos anos 1960, a coisa já tinha mudado. Assim, em 1965, abriu oficialmente a Oficina Mees. Naquele ano, Arthulino e a costureira Noemia (1934-2023) já tinham 8 filhos – foram 10 ao todo, sete homens e três mulheres. Entre eles, Osmario Oto, o segundo mais velho, um rapazote de 12 anos quando o pai abriu o negócio. “Eu ajudava a lavar os carros e vivia embaixo deles. A gente gostava de se engraxar e foi tomando gosto por tudo aquilo”, conta Osmario, hoje com 71 anos. Ele lembra que o primeiro carro que chegou para conserto foi uma Rural 1962, que precisava ‘fazer’ o motor. Osmario também recorda que o pai, apaixonado por carros como era, teve os seus próprios. Um deles foi uma caminhonete Chevrolet 1964, que Arthulino pintou de verde e amarelo. O patriarca, naqueles tempos, também manteve outras relíquias, como um Ford V8 1938 (chamada de barata preta) e um caminhão Ford 1946 que, para pegar, se tocava à manivela.



Em meados dos anos 1960, quando foi aberta a Oficina Mees, Arthulino e Noemia já tinham 8 filhos. Osmario (no detalhe) é o segundo mais velho



## FAMÍLIA DE MECÂNICOS

**1** Com os filhos criados em meio a motores e peças de carros, seria natural que todos aprendessem muito sobre mecânica. Mas, além de saber, todos os homens seguiram com o ofício na vida adulta, caso do próprio Osmario.

**2** Também trabalharam ou ainda trabalham com oficina mecânica Ilton (até hoje na Oficina Mees, de Vila Palanque), Mário (com oficina em Mato Leitão), Nelson, o Melão (na Vila Estância Nova),

Adriano (no bairro Gressler) e Clari (já falecido, mas cuja mecânica é mantida pelo filho, Júlio, no Distrito Industrial). Outro irmão, Sérgio, teve chapeação em Palaque.

**3** Além de Júlio, mais quatro sobrinhos de Osmario são mecânicos: Jeferson, Edimilson, Fernando e Samuel. “Só na minha casa a coisa não seguiu. Foi para o lado da mãe”, brinca Osmario, se referindo ao filho Alexandre, que é músico. Nesse caso, a ‘genética’ puxou o outro lado da família, já que o sogro de Osmario, Oswino Roos, era músico (baterista, igual ao neto).



Osmario cresceu em meio aos carros, como essa caminhonete Chevrolet 1964 do pai





## Três anos parado do lado da oficina

Em 1986, Osmario Mees foi trabalhar com o irmão Melão, na Estância Nova. Ele conta que havia um cliente costumeiro, que em 1988 deixou lá um Opala De Luxo 1978 cor bege-areia. “Tinha ‘estourado’ o motor e deixou lá para conserto. Mas ele não tinha condições de pagar e aquele carro ficou lá parado, por três anos, na rua, do lado da oficina. Eu olhava para o Opala e achava injusto ficar atirado assim, então decidi ‘fazer’ ele pra mim”, revela Osmario. O mecânico encontrou o proprietário em General Câmara e lá fez a proposta: em troca pelo carro, ele não devia mais nada para os Mees, de outros serviços que tinham ficado para trás. A transferência foi feita ainda em 1991 e, desde então, virou o Opalão do Mees, como os amigos e conhecidos se referem ao carro. Para um jovem senhor de 46 anos, o carro é quase totalmente original. Quase, porque os espelhos nas portas não são do veículo. “Fiz todo ele, montando com peças compradas ainda na Auto Geral”, recorda, se referindo à antiga revenda da Chevrolet em Venâncio Aires (atual esquina das ruas Osvaldo Aranha e 15 de Novembro, onde tem uma farmácia).



**Mecânico a vida toda, Osmario foi o responsável por ‘fazer’ o motor do Opalão**



## O CARRO DO TRABALHO E DO LAZER

Osmario hoje está aposentado, mas ainda trabalha como mecânico, também fazendo serviços a domicílio. Nesses 33 anos, o Opalão sempre foi usado para o trabalho, tanto que o dono ainda mantém a caixa de ferramentas no porta-malas. Ao mesmo tempo, já foi muito usado para o lazer e, com a esposa Lovane, 68 anos, e os filhos Alexandre, 40, e Ana Paula, 35, fizeram inúmeros passeios para a praia e Serra gaúcha. A filha, aliás, aprendeu a dirigir no Opalão.

Atualmente, como a família já cresceu, o carro também é o xodó dos três netos: Lucas, 8 anos, Mariana, 4, e Mateus, de apenas um ano, já deram suas voltas no carro do vô.

Perguntado se um dia pensa em vender sua relíquia, é a esposa Lovane quem responde rapidamente. “Não acredito que vende!”, afirma a professora aposentada, entre risos.



**Osmario com a esposa Lovane, os filhos Alexandre e Ana Paula, a nora Andréia, o genro Moisés, e os netos Lucas, Mariana e Mateus**



**Opala tem mais de 300 mil quilômetros rodados**



**49 | OPALA 1978**



Osmario sempre usou o Opala para o trabalho e também passeios com a família



## OUTRAS RELÍQUIAS

**1** Carro antigo sempre foi um gosto de Osmario e, antes do Opala, ele teve outras relíquias. O primeiro carro que comprou com o próprio dinheiro foi um Synca azul e branco 1951. Em 1973, no início do namoro com Lovane, era ele quem os levava para os bailes entre o Palanque e a Linha Travessa, de onde ela é natural. A caminhonete verde e amarela 1964 de Arthulino às vezes também era usada.

**2** Depois do Synca, foram outros modelos: um DKV 1962, uma Aero Willys 1963, um Jeep Willys 1953 e uma Variant amarela 1974. Atualmente, além do Opala, tem na garagem um Golf 2001, que, embora tenha 23 anos, é praticamente 'novo' comparado aos modelos que agradam Osmario.

**3** “Nunca dirigi um carro zero quilômetro, sempre preferi os antigos. Têm ‘mais lata’, a mecânica é melhor, são mais bonitos. No caso do Opala é difícil dar problema e, quanto

mais dirige, melhor fica”, garante Osmario. O Opalão dele já tem mais de 300 mil quilômetros rodados.

**4** Nessa história conduzida sobre quatro rodas, uma delas remete há 50 anos e tem duas rodas: uma Monark barra circular com freio no pé. “Eu tinha uma lambreta, mas que só me incomodava e dava muito problema mecânico. Daí troquei por duas bicicletas novas em 1974. Uma vendi e a outra está comigo até hoje.”

**5** A bordo dessa ‘magrela’, Osmario também viveu momentos felizes. Ia passear na casa dos primos, em Linha Herval. Lá morava a tia Nilda, que preparava deliciosas roscas de polvilho. Essa tia hoje tem 101 anos e mora em Esteio.



**Monark barra circular 1974 é outra relíquia mantida por Osmario**





***“Esse carro é uma satisfação para mim. Porque é um instrumento de trabalho e também me deu momentos de lazer ao lado da minha família.”***

**OSMARIO MEES**  
**Mecânico aposentado**



**Clique aqui para conteúdo extra!**



# O ESCORT XR3 DA FAMÍLIA LAKUS: VIAGEM NO TEMPO DE CAPOTA ABERTA



# O ESCORT XR3 DA FAMÍLIA LAKUS: VIAGEM NO TEMPO DE CAPOTA ABERTA

**Para muito além do vento no rosto, a história de um modelo Ford conversível que remete às memórias de quem viveu a década de 1980**

Era início dos anos 1980 quando o Ford Escort XR3 foi apresentado no Brasil. O carro virou uma paixão nacional, ainda mais tendo, como garoto-propaganda, aquele que é considerado o maior piloto da história da Fórmula 1: Ayrton Senna (1960-1994). Há mais de 30 anos, era comum ver o tricampeão mundial, no dia a dia, dirigindo algum por São Paulo ou na Inglaterra, onde morou. Em terras britânicas, aliás, um modelo esportivo da Escort também encantou outra celebridade: Diana Spencer, a Lady Di (1961-1997). Em meados da década de 80, a Princesa de Gales teve um Escort RS Turbo S1 (modelo XR3 com turbo), como alternativa ao conversível vermelho que ela realmente queria. Mas, por questões de segurança como a Família Real, a orientação é de que tivesse capota fechada. Além disso, esse carro foi pintado de preto, para ser mais discreto. Em 2022, o Escort que pertenceu à princesa foi leiloado por incríveis R\$ 4,3 milhões, o que talvez não surpreenda saudosos ou apaixonados pelo carro. Mas, se o veículo de Lady Di teve um preço, em Venâncio Aires um certo XR3 tem valor inestimável para uma família. Essa é a história dos Lakus e o Escort XR3 conversível 1986.



**Escort XR3 1986, modelo 1987, na cor vermelho Rosso, foi comprado zero quilômetro quando Eduardo tinha 11 anos**



## Também uma história de Jeep, Renault Juvaquatre e Variant II

Os carros fazem parte da trajetória da família Lakus há mais de 70 anos. Tudo começou com Werner (1919-2004) que, até o início dos anos 1950, percorria todo o território venâncio-aiense no lombo de uma égua, animal resistente que o levava para o trabalho com agricultores e matadouros, já que era fiscal agropecuário. Foi com um Jeep Willys verde 1951, comprado na Auto Geral (antiga revenda de carros de Venâncio Aires), que Werner passou a trabalhar 'motorizado', mas ainda ficava muitos dias fora de casa.

Assim, a esposa dele, Joaquina (1920-1985), começou a trajetória de uma loja na rua Osvaldo Aranha (entre as quadras das ruas Conde D'Eu e Rufino Pereira). Em 1953, lá se encontravam baterias, bicicletas e rádios. Só mais tarde viriam as 'novidades' chamadas eletrodomésticos.

O casal teve seis filhos e um deles é outro personagem dessa história: Pedro Dexheimer Lakus, o segundo mais velho e hoje com 78 anos. Ainda adolescente, ele já dirigia o Jeep do pai e, com 16 anos (em 1962), ganhou de Werner o que já era uma relíquia na época: um Renault Juvaquatre 1946. Eram tempos que não havia carteira de habilitação, mas sim, uma licença para dirigir, portanto o jovem usava esse veículo para ajudar nas entregas da loja.



**Em 1962, Pedro Lakus ganhou do pai um modelo Renault 1946 como este da foto e, nos anos 1970, teve essa Variant II**



## CASA LAKUS

Já adulto, casado com Maria Deolinda (hoje com 78 anos) e com as próprias ideias, Pedro também decidiu empreender. No fim dos anos 1960, construiu um prédio na rua Conde D'Eu ainda de estrada de chão, entre a Osvaldo Aranha e a Júlio de Castilhos. Lá fez loja, fábrica de estofados e residência, a Casa Lakus, cujo prédio e comércio existem até hoje, com o nome Móveis Lakus.

Nesse espaço, Pedro também se estabeleceu como comerciante, criou os filhos e foi adquirindo outros veículos. Um deles, uma Variant II verde, comprada zero quilômetro em 1978 na Motorsul (antiga revenda Volkswagen de Venâncio). É dentro dessa Variant que começam as lembranças do empresário Eduardo Schirmann Lakus, hoje com 49 anos, conhecido como Duda. “A gente ia para a praia e para a fronteira onde morava uma tia. Eu e minhas irmãs íamos atrás. Esse carro passava até em atoleiro. Quando eu tinha 5 anos, numa enchente em Linha Arroio Grande, nós conseguimos passar dentro do arroio porque lembro da água passando por cima do capô. Essa Variant aguentava tudo”, relata Duda. A Variant II fez 98 mil quilômetros. Entre os anos 1970 e meados de 1980, Pedro Lakus ainda teria outros carros, como Opala Diplomata, Ômega e Corcel.



## Um negócio de ocasião e exposição na Oktoberfest

Em 1986, a ideia do empresário era comprar um veículo novo e suas opções estavam entre um Monza Classic e outro Opala Diplomata. No entanto, eram tempos difíceis para a economia. Com o lançamento do Plano Cruzado, houve troca de moeda no Brasil, numa tentativa do governo do ex-presidente José Sarney barrar a inflação.

Nesse mesmo ano, foi instituído um decreto que exigia o pagamento do empréstimo compulsório sobre a venda de veículos e combustíveis. “O governo cobrava um percentual, tipo um imposto, em cima do preço dos carros, tentando frear o consumo no Brasil. E, com isso, também não tinha carro suficiente para entregar em Venâncio. Faltava carro na época”, conta Eduardo Lakus.

Assim, eram longos os tempos de espera entre querer e ter um carro. Ainda em 1986, Pedro levou seu Corcel II para uma revisão na Vemasa (revenda da Ford em Santa Cruz e que também tinha em Venâncio). Lá, ouviu o seguinte: estava para chegar um modelo conversível. “O pai veio para casa com um folheto e, quando eu e minhas irmãs vimos, a gente se apaixonou. A mãe não se agradou muito [risos], mas o pai já estava decidido. Acabou sendo um negócio de ocasião”, relata Duda, se referindo à forma como o Escort XR 3 chegou na vida dos Lakus.

Outro detalhe do modelo esportivo da Ford é que ele viria exclusivamente para a Oktoberfest daquele ano. A nota fiscal foi emitida em 6 de outubro e o carro dos Lakus ficou exposto durante todos os dias da festa. Só depois seguiu para Venâncio Aires.



Eduardo gosta de sair aos sábados à tarde com o veículo





## Uma volta em apenas duas quadras e “tem muito vento!”

Em 1986, Eduardo estudava na Escola Monte das Tabocas e morava a apenas duas quadras do colégio. Mas, quando soube que o pai finalmente traria o Escort para casa, a empolgação do menino de 11 anos se justificava: queria ser buscado na porta da escola, de conversível. Já naquela época, Duda era leitor de revistas sobre carros. Da ‘Quatro Rodas’, por exemplo, é assinante até hoje. “Eu só queria andar”, resume.

Na primeira volta em família, além de Eduardo, foram os pais Pedro e Maria Deolinda, as irmãs lamara, hoje com 54 anos, e Patrícia, 53. A caçula Ethiene, então um bebê de apenas um ano, também participou dessa volta inaugural. “A gente foi até o trevo da cidade, no Acesso Leopoldina. Estava de capota aberta, claro. Daí a mãe levantou o vidro e se queixou que tinha muito vento”, entrega Duda, entre risos. Já no verão de 1987, foram para o litoral com o Escort.



**Veículo tem 38 anos e segue 100% original**



**58 | ESCORT XR3 1986**



**Eduardo (atrás) com a sobrinha Manu, o filho Bernardo e a esposa Rosalice, sempre parceiros para uma volta com o Escort**



**Eduardo com a sobrinha Manu**



## Características, cuidados e um pouco de ciúme

- O Escort XR3 dos Lakus é ano 1986, mas modelo 1987, na cor vermelho Rosso. Equipado com computador de bordo, também tem aquecedor, luzes de alerta e vidros elétricos (que nunca estragaram). Já são 161 mil quilômetros rodados.
- Com ele, os Lakus fizeram inúmeras viagens em família e a única que ainda não o dirigiu é Ethiene, hoje com 39 anos. Nos anos 1990, por ser conversível, o carro também foi usado em desfiles de carnaval e gincanas, em tempos que a Osvaldo Aranha ainda tinha paralelepípedo.
- O carro segue 100% original há 38 anos, o que inclui até o estepe. Movido a álcool, Eduardo Lakus explica que, para ligar o veículo, é preciso “puxar o afogador e injetar gasolina.”
- Bernardo, o filho de 19 anos, aprendeu a dirigir no Escort. Tirou a habilitação em 2023 e também gosta de dar suas voltas, levando na carona a mãe, Rosalice Spies, 52 anos, e a prima Manoela, 13. “A Manu adora andar no Escort. Sempre pronta para uma volta”, conta Eduardo, sobre a sobrinha.
- Como Pedro sempre foi cuidadoso com os carros, Eduardo também o é. “O pai é ciumento e eu também sou. Então esse carro não sai em dia de chuva, não pode ficar no relento e também não vai para estrada de chão.”
- Dirigi-lo é o hobby de Eduardo nos sábados à tarde (ensolarados, claro). Aí, de capota aberta e vento no rosto, vira quase uma viagem no tempo. Para completar, a trilha sonora reforça a nostalgia, com os clássicos do rock anos 1980, especialmente de bandas australianas como Men at Work, INXS, Icehouse, Hoodoo Gurus, Ganggajang e Spy vs Spy, numa playlist selecionada em fitas K7.







**Nos anos 1990, por ser conversível, veículo era requisitado para desfiles de carnaval e gincanas no Centro de Venâncio**



**No registro mais antigo do Escort, em 1993, o sobrinho de Eduardo, Azlan Lakus Pretto, hoje com 33 anos**





***“Esse carro tem muitas lembranças e por isso não tem preço. Memória é uma coisa inestimável.”***

**EDUARDO SCHIRMANN LAKUS**  
**Empresário**



**Clique aqui para conteúdo extra!**





# RELÍQUIAS SOBRE RODAS

Uma viagem no tempo a bordo de carros antigos

TEXTOS

*Débora Kist*

FOTOS

*Arquivo pessoal  
Débora Kist*

DIAGRAMAÇÃO, ANÚNCIOS E CAPA

*Camila Pfaffenseller*

COMERCIALIZAÇÃO

*Jéssica Vogel  
Julio Hoffmann  
Kinha Heck  
Paula Carvalho*

EMPRESA JORNALÍSTICA FOLHA DO MATE LTDA CNPJ 98.597.719/0001-56

Publicação:

**Folha  
do  
Mate**



Apoio:



**TIAGO PNEUS**  
AUTO CENTER

